

TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA PERSONALIDADE DO PADRE MANUEL NUNES FORMIGÃO

O Rev. Padre Manuel Nunes Formigão nasceu a 1 Janeiro de 1883 em Tomar, e faleceu a 30 de Janeiro de 1958, em Fátima. Foi baptizado a 18 Fevereiro de 1883, sendo seus pais, Manuel Nunes Formigão – 2º sargento de Infantaria- e D. Maria da Piedade Mendes Dias, fervorosos cristãos, que na altura do seu nascimento habitavam no Convento de Cristo em Tomar, na ala destinada a residência dos oficiais do Exército. Após o nascimento deste 1º filho, surgiram outros dois: o Artur e a Maria Antónia.

O local do nascimento não ficará esquecido na vida do Pe Manuel Formigão: evocava muitas vezes o Convento e pelas suas inspirações se deixava guiar para as tomadas de posição em favor dos genuínos valores da Pátria portuguesa.

No ambiente familiar, o Manuel bebeu o sentido da fé, da humanidade, da responsabilidade e de outras facetas importantes da vida. O seu comportamento exemplar, a propensão para a vida espiritual e serviço eclesial, aliados às suas capacidades intelectuais, levaram a que ele se dirigisse ao Seminário Menor do Patriarcado, a funcionar no Farrobo, Santarém. É, aliás, elucidativo o que escreveu o seu Pároco na altura: «O Manuel Nunes Formigão Júnior tem tido bom comportamento moral e religioso e tem mostrado vocação para a vida eclesiástica».

Assim, a partir do ano 1895-96, o seminarista Formigão vai iniciar um percurso, bastante positivo, no estudo, na formação, na espiritualidade, nos seminários do Patriarcado, que culminará na ordenação presbiteral de 4 Abril 1908 na Cidade Eterna. Em Outubro de 1903, terminado que foi o curso de teologia, chegará a esta Cidade, mandado pelo seu Bispo, o Sr. Cardeal-Patriarca, D. José Sebastião Neto, a fim de se especializar em teologia e direito canónico na Universidade Gregoriana. Com sucesso obtém a 13 Julho de 1906 a láurea em direito canónico e a 4 de Julho 1909, o doutoramento em teologia.

De acentuar o grande dia da sua ordenação sacerdotal, ocorrida na Basílica de S. João de Latrão, “caput et mater omnium Ecclesiarum”. No dia 5 Abril celebrou a sua

Primeira Missa muito devotamente no quarto-capela onde morreu S. Luiz de Gonzaga, na Igreja del Gesù, em Roma.

Terminados os estudos, o Pe. Formigão regressa a Portugal, com uma paragem de algum tempo em Lourdes, por cujo santuário mariano possuía grande veneração, prestando aí os mais variados serviços. Queria divulgar mais em Portugal a mensagem das aparições de Lourdes, o que depois não vai acontecer, devido às aparições de Fátima.

Chegado a Portugal, carregado de saber e forte espírito sacerdotal, pôs-se logo à disposição do seu novo Patriarca, o Sr. Cardeal D. António Mendes Belo. É nomeado professor no Seminário Patriarcal de Santarém, onde lecciona teologia e outras cadeiras.

Professor supranumerário do Liceu Sá da Bandeira, em Santarém, 1918-1929, desempenhou a sua missão com grande competência, granjeando simpatias e admiração por parte de colegas e alunos. Aqui dedica-se à prática efectiva da caridade, à recristianização da juventude e à direcção espiritual.

As aparições de Fátima vão marcar a vida do Pe. Formigão, pois começa a interessar-se por elas a 13 de Setembro de 1917, 5ª aparição, estando presente de forma discreta, talvez por incumbência oficiosa, e até com uma atitude algo céptica. No contacto com os pastorinhos e na reflexão pessoal que irá operar-se em si, mudará de opinião e tornar-se-á no grande "Apóstolo de Fátima". Houve até quem o chamasse de "4º vidente de Fátima". Os interrogatórios feitos aos pastorinhos, os seus escritos e a acção na Comissão nomeada a 3 Maio 1922 para o respectivo processo canónico vão ser decisivos para a aprovação eclesiástica a 13 de Outubro de 1930.

O Sr. Pe. Formigão desenvolverá o ministério sacerdotal nas Dioceses de Lisboa, Bragança (1934-43), Évora (1943-44), Porto (1944-54), por motivos de saúde), Leiria.

Ciente da dificuldade em sintetizar os traços fundamentais da personalidade e do ministério sacerdotal do Pe. Formigão, apresento brevemente alguns aspectos que julgo relevantes em ordem ao processo de canonização.

1. Vida de santidade

Encontramos neste sacerdote uma compreensão e vivência da santidade baptismal e da santidade sacerdotal.

As virtudes teologais e cardinais são uma realidade vivida e não uma simples concepção teológica a nível intelectual. Com a formação teológica adquirida, ele assume também a responsabilidade de uma fé mais esclarecida, de uma esperança mais escatológica, de uma caridade mais cristalina e autêntica.

“Homem de Deus”, é a expressão utilizada por vários Bispos (Patriarca de Lisboa, Arcebispo de Évora, Bispo de Bragança, Bispo de Leiria), sacerdotes e leigos para definir a figura do Pe. Formigão. “Homem de Deus” não por ser unicamente uma “boa pessoa”, mas porque se deixava plasmar pela santidade. Basta lermos algumas passagens dos seus manuscritos para nos darmos conta de como ele se relacionava com Deus e de como ele concebia a santidade: «Ser santo é subir por uma escada de cruces sem nunca parar, com o sorriso nos lábios e com o amor de humildade no coração. É saborear lenta e decididamente a cruz, no abandono, no desprezo e na obscuridade, sem ter outra testemunha senão só a Deus... Ser santo é deixar-se crucificar por Deus e pelas criaturas, doce, paciente e humildemente, em silêncio, em espírito de reconhecimento e aceitando tudo o que pode fazer sofrer sem perder nunca a paz da alma. Ser santo é viver uma vida interior escondida em Deus» (Manuscritos). Ou ainda: «Deus é o proprietário de todo o nosso ser, entregues a Ele como Deus e Senhor, como instrumentos nas mãos do Deus artista, na dependência do ser sábio e bom por excelência. (...) Deus quer que não resistamos à graça, Deus quer que o aceitemos, conservando a nossa alma em paz, Deus quer que sejamos fiéis em servi-lo na medida das nossas forças, Deus quer que não ponhamos limites na nossa dedicação...» (Manuscritos).

E quem vive o amor de Deus não tem outra alternativa senão aceitar a sua graça, vivê-la e reparar o pecado do mundo que resiste à santidade. Por isso, o Sr Pe Formigão, na sequência da Mensagem de Fátima, irá fundar uma Congregação reparadora feminina, e projectando uma masculina – os Missionários Reparadores – que não chegaram a nascer.

Esta santidade está aliada a uma fineza de carácter e de um rol bem nutrido de virtudes humanas, não estando todavia isento de defeitos, como é natural numa pessoa humana. Convém assinalar que para ser santo não se exige a ausência de imperfeição, exige-se sim uma caminhada progressiva para alcançar a comunhão com Deus. É no barro humano que se constrói a santidade e não fora do seu contexto.

2. Amor à Igreja

O seu intenso amor à Igreja e a sensibilidade eclesial para a interpretação e aceitação de determinadas situações são uma constante na vida deste sacerdote.

O respeito pela liturgia, em especial na celebração da Eucaristia, a obediência ao Papa e aos Bispos, a começar pelo Pastor da própria Diocese, o rigor com que cumpria as ordens dos seus Superiores, a entrega total às diversas responsabilidades que lhe foram confiadas, dentro e fora da Diocese, são um exemplo de como se deve servir a Igreja, sem pretensão de protagonismo pessoal e sem espírito de crítica destrutiva. Ele não abdicou da sua capacidade de reflexão, mas soube distinguir a posição da Igreja das suas opiniões pessoais.

Sobre o seu serviço a outras Dioceses, escreve o Sr. Pe. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, SJ: «As suas transferências de diocese para diocese não deixam de ser impressionantes por vários motivos. E o primeiro está em que geralmente, sobretudo naquele tempo, o clero diocesano ordinariamente desenvolvia a sua actividade pastoral numa paróquia ou noutras incumbências apostólicas mas dentro da própria diocese. (...) É impressionante que o Padre Formigão sempre se deslocou para as várias dioceses indicadas, a pedido, por vezes insistente, dos respectivos Prelados e com o consentimento expresso do próprio bispo. Transparece claramente nos seus escritos, que essa dependência para ele era fundamental. As razões das suas transferências foram sempre de ordem apostólica ou religiosa e nunca teve em conta as suas preferências e comodidades pessoais. Pelo contrário, essas mudanças por vezes exigiram-lhe graves sacrifícios.» (Lúcio Craveiro da Silva, Caminho Espiritual do Padre Manuel Nunes Formigão, Fátima-Braga, Edit.AO-Reparadoras de Fátima, pp.17-18).

3. Amor à vocação sacerdotal

O Manuel Formigão sentiu-se inclinado para o sacerdócio desde muito novo. A ordenação sacerdotal foi sentida com grande devoção e interiorização, uma graça especial para ele.

O seu sacerdócio foi vivido numa entrega constante e abnegada no cumprimento dos seus deveres: nos Seminários do Patriarcado, de Bragança e Évora. A formação incutida nos seminaristas e a forma como lidou com a juventude faz-nos ver este sacerdote um verdadeiro educador com grande vida interior. Não se pode educar seminaristas se não se estiver convencido da própria vocação e de um grande amor à Igreja.

O seu apostolado foi diversificado e variado. Para além do já referido, pense-se na originalidade ao criar a famosa “Associação Nun’Álvares” para jovens do liceu e da Escola de Regentes Agrícolas de Santarém, precursora da Acção Católica. Quis ele assim revitalizar o espírito patriótico e católico, inflamar a juventude, dar-lhe uma verdadeira instrução de valores, construir personalidades para a vida. O seu apostolado estende-se ainda aos doentes, aos mais pobres, aos marginalizados, ajudando alguns colegas sacerdotes que bem precisavam de apoio económico.

Imerso em toda a acção apostólica, o Pe. Formigão não transcurou a oração. Bem sabia ele, pelos mestres que tivera, que “a alma de todo o apostolado é a vida interior”.

Eis aqui um modelo para os sacerdotes, em particular para nós que vivemos neste século. Não será que, por vezes, as imensas preocupações pastorais, por mais recomendáveis que sejam, impedem uma autêntica vida de oração? Este sacerdote indica-nos o caminho e o método a seguir a fim de obtermos o equilíbrio entre o trabalho e a vida espiritual.

Apostolado-oração, sempre um binómio que forma uma unidade. Interpelado pelas situações difíceis do tempo em que vivia, o Pe. Formigão teve intuições pastorais que o levaram a estar mais próximo dos jovens, dos pobres, dos doentes, dos seminaristas e sacerdotes e, por fim, da Congregação que ele fundou. Toda a sua criatividade pastoral desenrolou-se na Igreja e com a Igreja.

4. O “Apóstolo de Fátima”

O “quarto vidente” de Fátima como foi chamado o Pe. Formigão, dedicou-se de alma e coração ao estudo das aparições de Fátima, ao princípio céptico, mas depois com coração aberto para a Mensagem de Nossa Senhora. O diálogo intensivo e objectivo com os pastorinhos, a presença no local das aparições, as incumbências recebidas da autoridade eclesiástica, sobretudo a sua nomeação para a comissão canónica para o estudo dos acontecimentos, a vivência da mensagem e a sua divulgação, as várias iniciativas tomadas, fizeram dele o “Apóstolo de Fátima”. O seu papel foi fundamental para a aprovação das aparições pela autoridade eclesiástica diocesana em 13 de Outubro de 1930. “Sem ele, Fátima não seria o que é presentemente”, diria mais tarde o Sr. Cardeal D. António Ribeiro.

5. O Fundador de uma Congregação religiosa

Embora o Pe. Formigão afirmasse repetidamente que não era o Fundador da Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima (o que é natural atendendo à sua humildade), obra iniciada por ele a 6 de Janeiro de 1926, já lá vão 75 anos, é certo que ele foi o grande inspirador e impulsionador do Instituto, apesar da colaboração de outras pessoas.

Um sacerdote que bebeu o espírito evangélico da mensagem da Senhora de Fátima, sentia-se “obrigado” a inculcar uma dimensão reparadora e eucarística à nova fundação. A participação na Eucaristia, na celebração da Missa e na Adoração ao SS.mo Sacramento, é o pilar da sua espiritualidade.

Com este processo não queremos impor à Igreja uma canonização. Queremos, sim, aprofundar a vida deste grande sacerdote e fornecer elementos à Igreja para que ela, na sua sabedoria e prudência, possa tomar a melhor decisão.

Todavia, com espírito humilde e obediente, sentimos ressoar em nossos corações as inesquecíveis palavras do Cardeal D. António Ribeiro: «O Cónego Formigão, pelo exemplo da sua vida, pode servir-nos de modelo, luz e companheiro amigo no caminho. E, decerto, muitos desejam que o fulgor da eventual santidade heróica deste

Padre venha, um dia, a ser colocado no candelabro da Igreja, para melhor iluminar todos os que se reúnem na Casa de Deus».

«Trata-se de um padre do Patriarcado de Lisboa, invulgarmente culto e piedoso, cuja actividade apostólica muito contribuiu para o desenvolvimento da vida cristã em Portugal, durante a primeira metade do século XX. Os jovens de várias escolas, os seminaristas de Santarém, de Bragança e de Évora, as novas formas de vida consagrada então surgidas, os movimentos da Acção Católica e tantas pessoas tocadas pelo seu zelo sacerdotal, ficaram a dever-lhe assinaláveis benefícios, nos campos da formação cívica e eclesial, e da dinâmica evangelizadora da sociedade portuguesa» (Cardeal D. António Ribeiro).

Pe. Doutor Manuel Saturino Gomes

Assistente Eclesiástico da Congregação